



Françoise Choay e a revisão crítica da narrativa canônica de Brasília sob a ótica das mulheres

***Françoise Choay and the critical revision of the canonical narrative
of Brasilia from a women's perspective***

***Françoise Choay y la revisión crítica de la narrativa canónica de
Brasilia desde la perspectiva de las mujeres***

MALAQUIAS, Thaysa¹
BRANDÃO, Claudio Comas²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
thaysa.malaquias@fau.ufrj.br
ORCID: 0009-0006-7520-9070

² Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
claudio.brandao@fau.ufrj.br
ORCID: 0000-0001-8306-0057

Recebido em 30/03/2023. Aceito em 08/04/2024.



Resumo

Neste artigo, revisitamos alguns textos a respeito da construção de Brasília sob a ótica das mulheres. Trata-se de textos produzidos por historiadoras, arquitetas, artistas e críticas da arte, com especial atenção aos de Françoise Choay. A análise explora a ausência das vozes femininas na construção da narrativa canônica sobre a cidade e se apoia na epistemologia feminista do ponto de vista e no conceito de saberes localizados como ferramentas para a releitura desses textos. O ponto de partida da investigação é o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte de 1959. A metodologia envolve uma análise quantitativa da representatividade feminina durante o Congresso, seguida por análise qualitativa das participações femininas, de textos contemporâneos e de sua recepção pela crítica hegemônica. Esperamos demonstrar, na análise das temáticas abordadas por mulheres, diferenças de perspectiva sobre a cidade e, nas desigualdades de representação e na recepção de suas críticas, as razões para que essas perspectivas tivessem menos força. Com isso, esperamos contribuir para uma compreensão mais rica e não menos objetiva da história e crítica de Brasília.

Palavras-chave: Brasília, Françoise Choay, crítica feminina, epistemologia do ponto de vista, saberes localizados.

Abstract

In this article, we revisit some texts regarding the construction of Brasília from the perspective of women. These are texts produced by historians, architects, artists, and art critics, with special attention to those by Françoise Choay. The analysis explores the absence of female voices in the construction of the canonical narrative about the city and is based on the feminist epistemology of the standpoint and the concept of situated knowledges. The starting point of the investigation is the Extraordinary International Congress of Art Critics of 1959. The methodology involves a quantitative analysis of female representation during the Congress, followed by a qualitative analysis of female participation, contemporary texts, and their reception by hegemonic criticism. We hope to demonstrate, in the analysis of the themes addressed by women, differences in perspective about the city and, in the inequalities of representation and reception of their criticisms, the reasons why these perspectives had less force. With this, we hope to contribute to a richer and no less objective understanding of the history and criticism of Brasília.

Keywords: Brasília, Françoise Choay, female criticism, standpoint epistemology, situated knowledge.

Resumen

En este artículo, revisamos algunos textos sobre la construcción de Brasília desde la perspectiva de las mujeres. Estos son textos producidos por historiadoras, arquitectas, artistas y críticas de arte, con especial atención a los de Françoise Choay. El análisis explora la ausencia de voces femeninas en la construcción de la narrativa canónica sobre la ciudad y se basa en la epistemología feminista del punto de vista y el concepto de saberes situados. El punto de partida de la investigación es el Congreso Internacional Extraordinario de Críticos de Arte de 1959. La metodología implica un análisis cuantitativo de la representación femenina durante el Congreso, seguido de un análisis cualitativo de la participación femenina, textos contemporáneos y su recepción por parte de la crítica hegemónica. Esperamos demostrar, en el análisis de los temas abordados por las mujeres, diferencias de perspectiva sobre la ciudad y, en las desigualdades de representación y recepción de sus críticas, las razones por las que estas perspectivas tuvieron menos fuerza. Con esto, esperamos contribuir a una comprensión más rica y no menos objetiva de la historia y crítica de Brasília.

Palabras clave: Brasília, Françoise Choay, crítica femenina, epistemología del punto de vista, conocimiento situado.



1. Introdução

As narrativas sobre a construção de Brasília foram moldadas por processos complexos de produção, seleção e legitimação de textos, filmes, fotografias e desenhos. Podemos denominar o processo de formação das narrativas dominantes como “canonização”. O termo “cânone”, de origem grega, significa regra ou princípio. Na era cristã inicial, foi adotado para designar a lista de textos sagrados que deveriam servir de referência para a produção de outros textos religiosos, exercendo um enorme poder em nossa maneira de entender o mundo (Lara, 2022).

Na historiografia da arquitetura, assim como em qualquer outra disciplina, processos similares de construção do cânone ocorrem. Visto o poder que o cânone exerce sobre o nosso entendimento do mundo, neste caso da história da arquitetura, uma das tarefas da crítica é colocá-lo em questão. E uma das maneiras de se fazer isso é explorar o momento de sua construção, quando as narrativas estavam ainda em disputa e as controvérsias acesas.

Nas revistas de arquitetura brasileiras, a perspectiva dos criadores consagrados de Brasília contava com canais privilegiados, como a *Módulo*, fundada por Niemeyer em 1955, e a revista *Brasília*, editada pela Novacap¹. Até certo ponto, um contraponto à essas narrativas se deu em revistas como *Brasil: Arquitetura Contemporânea* que, no entanto, deixou de ser editada em 1958 e assim não pôde acompanhar o debate durante a construção da cidade, assim como na *Acrópole*, que trouxe uma das análises mais atentas à complexidade do plano da cidade pouco antes de sua inauguração (Wilheim, 1960).

Nas revistas estrangeiras o plano de Brasília encontrava diversos admiradores, mas não faltavam detratores, especialmente entre os italianos, possivelmente por associarem-na à recente experiência fascista na Itália, que consistiu na criação de grandes projetos urbanos, como é o caso do bairro EUR em Roma. No “Rapporto Brasile” [Relatório Brasil], a revista *Zodiac* publica as duras críticas feitas por Bruno Zevi em 1960².

Esse debate em torno da construção da nova capital provocava respostas e balanços gerais, publicados na imprensa e em revistas brasileiras, entre eles o do crítico de arte Mário Pedrosa, na *Módulo* em 1959³ e o do historiador francês Yves Bruand, cuja tradução saiu no *Estado de São Paulo* em 1962. Mesmo a arquiteta Lina Bo Bardi, que não poupava críticas ao trabalho de Niemeyer na *Habitat*, saiu em defesa de Brasília em artigo publicado na revista italiana *L'architettura – Cronache e Storia*, em 1964⁴. De qualquer modo, é pertinente a percepção de Fernando Lara de que “a ficção de que os homens brancos e europeus eram melhores que todos os demais no planeta foi inscrita no cânone e mantida pelo mesmo cânone, em um ciclo de retorno que alimenta a supremacia masculina branca” (Lara, 2022, p. 88). Houve, é claro, críticas, historiadoras, arquitetas, poetisas, jornalistas, que escreveram sobre a cidade e sua arquitetura em construção, assim como houve também colegas sul americanos que o fizeram, mas parecem ter passado à margem da construção do cânone. O discurso hegemônico, que se firmou na historiografia da arquitetura brasileira nas décadas seguintes era concentrado em uma visão heroica de progresso e desenvolvimento, centrado em poucos criadores e muitos operários, majoritariamente homens, e nem sempre refletia as múltiplas perspectivas e experiências daqueles que vivenciaram a construção e a ocupação da cidade.

O primeiro manual de arquitetura brasileira publicado após a inauguração de Brasília ilustra bem como as controvérsias em torno de sua construção foram estabilizadas no discurso hegemônico. Em *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de 1981, Yves Bruand descreve Brasília como o “apogeu” da obra de Niemeyer (p. 181) e o plano de Lucio Costa como a “apoteose do urbanismo brasileiro” (p. 352), reforçando a narrativa heroica discutida anteriormente, na qual Brasília representa o ápice e o fechamento de um ciclo.

¹ A Novacap, Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, é uma empresa pública que foi criada em 1956 com a finalidade de gerenciar e coordenar a construção de Brasília.

² Republicado em XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília**: antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012, com tradução de Eugênio Vinci de Moraes.

³ Republicado em PEDROSA, Mário. **Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

⁴ Republicado em XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília**: antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify, 2012, com tradução de Eugênio Vinci de Moraes.



Foram necessárias algumas décadas para que pesquisadores como Hugo Segawa (1998), Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein (2010), ou Carlos Eduardo Comas (2015), ampliassem o foco da produção arquitetônica brasileira, antes excessivamente concentrado nos arquitetos da escola carioca e dessem maior complexidade à narrativas heroicas como a produzida por Bruand. No entanto, essas revisões historiográficas da virada do século ainda não contemplavam alguns debates contemporâneos, como a perspectiva de gênero e discursos raciais.

Nelci Tinem (2006), em sua análise dos manuais da arquitetura moderna brasileira, justifica a importância da releitura de textos anteriores à construção do cânone. Ela afirma que a renovação de métodos investigativos e a exploração de novos temas na releitura de textos históricos “lançam alguma luz na compreensão de pontos cegos dessa construção canônica, contribuindo para o entendimento de preconceitos que apagaram determinados dados ou impediram outras informações” (Tinem, 2006, n.p.).

Uma dessas lacunas pode ser iluminada com uma simples pergunta: qual o gênero dos autores das narrativas sobre a construção de Brasília e quais perpetuaram com maior força? Neste artigo, desdobramos essa pergunta inicial para investigar a representatividade feminina na produção dessas narrativas e a diferença de abordagem feita por mulheres e homens, além de procurar entender como foi a recepção dessas críticas femininas.

Para tanto, tomamos como ponto de partida deste estudo o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte que aconteceu em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro em setembro de 1959, por ter sido um evento decisivo na construção do cânone historiográfico de Brasília, uma vez que congregou críticos do mundo inteiro que, de lá, divulgaram em seus países suas impressões sobre a cidade. Neste trabalho, focamos nas intervenções femininas durante o Congresso e nos textos publicados por elas em seguida, colocando-os em diálogo com escritos da mesma época feitos por outras mulheres do campo cultural. Dedicamos um especial interesse pelos textos de Françoise Choay, que foi uma das poucas críticas mulheres a publicar análises mais completas de Brasília, examinando desde o projeto urbano, às construções e às relações entre arte e arquitetura⁵.

Como método investigativo, partimos de uma análise quantitativa da representatividade feminina no Congresso. Em seguida, faremos uma análise qualitativa, buscando similaridades nos textos de Choay e de outras mulheres do mesmo campo contemporâneas a ela. Além de constatar uma assimetria representativa no Congresso de Críticos, procuramos demonstrar que havia também uma diferença de perspectiva sobre a construção da cidade, tanto nas temáticas abordadas quanto na modalidade da escrita.

Desse modo, este trabalho pretende contribuir para preencher uma lacuna na historiografia de Brasília, que só nos últimos anos tem recebido contribuições de estudos feministas. O objetivo é apresentar outros entendimentos possíveis sobre a cidade, assim como oferecer novas interpretações para a obra escrita de Choay⁶, apoiando nossa análise em ferramentas conceituais das epistemologias feministas em geral, e mais especificamente no conceito de “saber localizado” de Donna Haraway (2009).

2. A visita à Brasília na trajetória de Françoise Choay

Thierry Paquot e Elane Ribeiro Peixoto (2023) oferecem um resumo da trajetória de Françoise Choay, destacando sua origem em uma família intelectualmente proeminente e sua ascensão como crítica urbana. Explicam-nos que Choay fazia parte de uma família intelectualmente proeminente. Seu avô, Paul-Louis Weiss, e sua avó, Jeanne-Félicie Javal, eram figuras destacadas em suas áreas, assim como seus parentes, incluindo a jornalista e feminista Louise Weiss. Em seguida, os autores descrevem que, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, há uma interrupção na protegida adolescência de Choay,

⁵ Nos referimos a dois artigos publicados em 1959. O primeiro é: CHOAY, Françoise. Une capitale préfabriquée: Brasília. *L’Oeil*. Paris, n. 59, p. 76-83, nov. 1959. Este artigo foi publicado em português com tradução de Hidélbrando Giudice em três partes no jornal *Tribuna da Imprensa* em abril de 1960 e, mais recentemente, com tradução de Dorothée de Bruchard, em XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). *Brasília: antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. O outro é: CHOAY, Françoise. Une capitale sort de terre: Brasília. *France Observateur*, Paris, n. 492, p. 15-16, 7 out. 1959. Este último foi traduzido nesta edição temática da *Revista Paranoá*, em homenagem a Françoise Choay.

⁶ Esforço similar de interpretação da obra de Choay à luz da perspectiva de gênero foi feito por Ana Alice Alcântara e Claudia Andrade Vieira, neste caso a partir da releitura de *O Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia*. Cf. COSTA, A. A. A.; VIEIRA, C. A. Fronteiras de Gênero no Urbanismo Moderno. *Revista Feminismos*. v. 2, n. 1, p. 7-17, 2014.



na qual se junta à mãe em um maquis comunista em Corrèze, entrando em contato com a ideologia stalinista. Os autores asseveram que essa experiência a protegeu contra engajamentos políticos cegos, enquanto ela prosseguia com seus estudos de filosofia, assumindo o papel de mensageira, apesar das restrições e do desconforto enfrentados neste período (*ibid.*).

Após a guerra, “em Montpellier, ela obtém seu Certificado de Estudos Superiores em Filosofia em Kierkegaard” (*ibid.*, 2023, p. 4)⁷ e, posteriormente, casou-se com Jean Choay, cientista farmacêutico, formando um casal influente na alta sociedade parisiense. Sua carreira como crítica urbana começou com contribuições para publicações como para as revistas *L’Oeil*, *France Observateur* e *La Quinzaine Littéraire*, a partir de 1954, nas quais ofereceu análises significativas sobre arquitetura e urbanismo (Pane, 2020). Sua formação jornalística aprimorou sua capacidade de observação, pensamento crítico e comunicação eficaz, influenciando sua abordagem acadêmica e visão sobre a interseção entre jornalismo e academia.

Sua visita à Brasília aconteceu no início de sua carreira como crítica de arquitetura, portanto antes de sua extensa produção sobre urbanismo ou sobre patrimônio cultural, que tomaria corpo nas décadas seguintes⁸. Essa experiência de Brasília, no entanto, acompanharia sua teorização sobre o urbanismo moderno em obras posteriores, especialmente na crítica aos conjuntos habitacionais em construção na periferia parisiense. Para o assunto que estamos tratando neste artigo, é interessante ressaltar, como bem notam Andrea Pane (2020) e Priscilla Alves Peixoto (2021), o interesse de Choay pela obra de Martin Heidegger. Heidegger estava preocupado em compreender a existência humana e a forma como nos relacionamos com o mundo a partir da experiência do indivíduo. Em “Construir, Habitar, Pensar”, texto que Choay inclui no encerramento de sua antologia *Urbanisme*⁹, de 1965, Heidegger procura estabelecer uma base filosófica para se pensar a crise habitacional a partir da relação entre o homem e o lugar habitado, com atenção ao sentido filológico das palavras habitar e construir e defende a importância da experiência humana na resolução dessa crise “a partir de si mesmo” (Heidegger, 1954).

No entanto, as teorias do ponto de vista chamam a atenção para o fato de que, por trás desse “homem” heideggeriano (e a palavra nos indica quem é), há relações de poder e subjugação que precisam ser problematizadas.

Os textos de Choay não oferecem uma posição manifestamente feminista, mas podemos encontrar pontos de contato entre seu interesse pela orientação ideológica do pensamento heideggeriano, denominada pela autora de “culturalista” (Choay, 1979, p. 346), que trata o problema do urbanismo em sua dimensão existencial —em contraste com a abordagem funcional e pretensamente universal do urbanismo moderno— e as teorias feministas mais recentes do ponto de vista, que privilegiam a perspectiva dos subjugados, neste caso das mulheres (Haraway, 2009), como trataremos mais adiante¹⁰.

3. O gênero como categoria de análise na arquitetura e urbanismo

Antes de adentrarmos na discussão do Congresso, é crucial abordarmos a temática da invisibilidade e da representatividade feminina, bem como suas consequências intrínsecas e extrínsecas na esfera da historiografia¹¹. Para estabelecer uma base contextual sólida, é necessário recuarmos no tempo. O

⁷ A formação em filosofia com foco em Kierkegaard refere-se aos estudos filosóficos que Françoise Choay realizou nessa instituição. Kierkegaard foi um renomado filósofo dinamarquês do século XIX, conhecido por suas contribuições para a filosofia existencialista. Estudar Kierkegaard implica explorar temas como a angústia, a liberdade, a responsabilidade individual e a fé, entre outros aspectos centrais de sua obra filosófica.

⁸ Segundo Andrea Pane (2020), o interesse teórico de Choay pela arquitetura despertou após seu encontro com Jean Prouvé em meados de 1950. Seu primeiro escrito sobre a disciplina foi sobre a “Maison des jours meilleurs”, um protótipo de residência realizado por Prouvé em 1956, no artigo “Vous pouvez construire une maison pour le prix de deux voitures”, publicado na revista *France Observateur* em março de 1956.

⁹ Cf. CHOAY, F. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979.

¹⁰ Haraway reconhece que a preferência por uma perspectiva dos subjugados, entre os quais ela se inclui, por sua condição de mulher, pode ser problemática e não deve ser romantizada ou isenta de críticas. No entanto ela considera tais perspectivas preferíveis para a construção do conhecimento porque desafiam visões totalizantes da autoridade científica e “porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo” (Haraway, 2009, p. 23).

¹¹ Sobre a invisibilização das mulheres, sobretudo no campo da arquitetura, a partir de uma perspectiva de gênero, recomendamos a leitura da tese de Ana Gabriela Godinho Lima “Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista” (2004), da



intervalo temporal relevante para esta investigação em questão, situado em meados do século XX, se insere em uma era marcada por transformações profundas originadas da revolução industrial e da emergência de um novo paradigma de produção. Essas mudanças acarretaram significativas transformações sociais, incluindo a reconfiguração da estrutura familiar tradicional e a inclusão das mulheres tanto no mercado de trabalho quanto no domínio acadêmico.

Nesse contexto, em paralelo às críticas ao Movimento Moderno, também se testemunhou a ascensão do movimento feminista, com maior notoriedade após a década de 1960, a partir da “Segunda Onda”, estando em consonância com outros movimentos sociais engajados na reivindicação de direitos e na luta contra as opressões presentes nas estruturas familiares e sociais da esfera ocidental¹². É válido destacar que, embora o foco da análise se concentre nas ocorrências do século XX, é possível enriquecermos a compreensão desses eventos considerando produções recentes, de décadas seguintes e do século XXI, que sintetizam, sistematizam e teorizam questões e fenômenos pertencentes ao século passado. Essa abordagem proporciona uma visão mais holística e contextualizada, contribuindo para uma compreensão mais profunda das transformações históricas e de suas implicações no cenário atual.

O gênero é uma categoria social que atravessa todas as esferas da vida e influencia profundamente a forma como homens e mulheres experienciam e se relacionam com o espaço urbano. Por isso, as relações de gênero são fundamentais para a compreensão das desigualdades e da segregação que ocorrem na cidade, assim como para revelar diferentes formas de uso e acesso ao espaço. A análise do espaço urbano sob uma perspectiva de gênero busca identificar como as normas e estereótipos de gênero moldam as experiências e percepções das pessoas em relação ao espaço e como isso pode levar à exclusão e marginalização de certos grupos. Por exemplo, a segregação de espaços públicos pode ter implicações significativas para as mulheres, que muitas vezes são limitadas em seus movimentos e atividades devido ao medo de violência e assédio sexual, bem como a falta de acesso a serviços e infraestrutura básica, como transporte público apropriado, pode ter um impacto desproporcional sobre as mulheres, que muitas vezes têm a responsabilidade sob os cuidados do lar e dos filhos, e, sobretudo, precisam conciliar essas tarefas com o trabalho fora de casa.

Ao adotar a categoria de gênero em nossa análise, é importante evidenciar o recorte adotado. Com bem nota Joan Scott (1989), a categoria gênero é útil na medida que amplia a visão reduzida, focada nas relações sociais familiares, associando-a a outras categorias, como a educação, o mercado de trabalho ou a política. Nesta análise, elegemos os textos de mulheres do campo cultural, intelectuais de origem europeia e norte-americana. E o fizemos porque, desse modo, na comparação com os textos produzidos pelos homens, do mesmo campo e estrato social, na mesma época, as diferenças se tornam mais evidentes. Isso nos permite conjecturar que o silenciamento das vozes femininas na construção da narrativa sobre Brasília pode se explicar tanto por uma desigualdade de representatividade, como também por uma disputa no campo da produção erudita.

Reconhecer essas assimetrias e diferenças de perspectivas, revisitando esses textos com outras ferramentas conceituais, nos permite complexificar a narrativa sobre Brasília. Nesse sentido, vale ressaltar que a visão dominante sobre a cidade muitas vezes era concentrada em uma narrativa de progresso e desenvolvimento, centrada em poucas pessoas, em sua maioria homens, e que nem sempre reflete as múltiplas perspectivas e experiências daqueles que vivenciaram a construção e a ocupação

dissertação de Marina Lima Fontes, “Mulheres Invisíveis - a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista” (2016) e da tese de livre docência de Silvana Rubino, “Lugar de Mulher – Arquitetura e design modernos, gênero e domesticidade” (2017). Essas pesquisas abordam os mecanismos de invisibilidade no campo arquitetônico, originados da sociedade patriarcal, do machismo e normas de gênero. Esses fatores excluem as mulheres e resultam em complexos mecanismos que ocultam suas contribuições profissionais e intelectuais, incluindo na arquitetura. Explorando relações de gênero, violência simbólica e mística feminina, a pesquisa analisa a interligação desses fatores com mecanismos como divisão sexual do trabalho, machismo no ensino, presença de arquitetas em sombras profissionais, círculos privilegiados e estrelato.

¹² A segunda onda feminista emerge como um movimento sociopolítico significativo durante as décadas de 1960 e 1970, pautado pela busca por direitos das mulheres e pela equidade de gênero. Este movimento evoluiu a partir das sufragistas do século anterior, expandindo suas preocupações para abordar questões de ampla relevância, como sexualidade, instituição matrimonial, violência de gênero e as raízes do patriarcado. Além de reivindicar a igualdade no acesso ao trabalho e à educação, a segunda onda feminista também trouxe à tona discussões sobre a autonomia do próprio corpo pelas mulheres. Recomendamos, para maior compreensão teórica, a obra de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo” (1949), precursora deste movimento. Bem como “A Mística Feminina”, de Betty Friedman (1963) e “Mulher, Raça e Classe”, da Angela Davis (1981), para uma compreensão mais abrangente sobre questões de classe e raça, sob a perspectiva do feminismo negro.



da cidade. Acreditamos que ampliar essa narrativa, trazendo à tona as vozes e perspectivas das mulheres, pode contribuir para uma compreensão mais rica e plural da história de Brasília.

4. Entre a crítica e a admiração: o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte de 1959

O Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte de 1959, realizado pela seção brasileira da Associação Internacional dos Críticos de Arte - AICA, foi um evento significativo que reuniu uma grande quantidade de críticos nacionais e internacionais, às vésperas da inauguração de Brasília. O crítico Mário Pedrosa foi o principal idealizador do evento e um dos responsáveis pela formulação da temática do Congresso: “A cidade Nova – Síntese das Artes”. Seu intuito era colocar Brasília à prova e no centro das discussões mundiais sobre a noção de síntese das artes na arquitetura moderna, promovendo um debate sobre a prática moderna do urbanismo, da arte, da arquitetura e do ensino a partir da proposta real que estava se materializando na nova capital brasileira¹³. Além da organização da seção brasileira da AICA, Pedrosa contou com patrocínio do governo Federal e apoio da Novacap.

O Congresso foi elogiado pela presença não somente dos críticos, mas também de arquitetos, diretores de museus, professores universitários, diretores e editores de revistas internacionais de arte, arquitetura e urbanismo. Isso proporcionou um debate mais amplo do que o da crítica especializada e resultou em vários artigos publicados sobre os debates ocorridos no evento. Segundo Maria Beatriz Camargo Cappello (2010), entre os participantes estão Anthony Bower, diretor da *Art in America*, que publicou o artigo “Birth of a capital”; Françoise Choay, que publicou os artigos “Une capitale préfabriquée. Brasília” na revista *L’Oeil* e “Une capitale sort de terre: Brasília” na *France Observateur*; André Bloc, diretor da *L’Architecture d’Aujourd’hui* e *Aujourd’hui Art et Architecture*, que publicou notícias sobre o “Congrès International des Critiques d’Art a Brasília”; Douglas Haskell, diretor da *Architectural Forum*, que publicou o artigo “Brasília: a new type of national city”; e Alberto Sartoris, conselheiro de redação da *Architecture, Formes et Fonctions*, que publicou o artigo “La Cité Nouvelle”. No Brasil, as revistas especializadas *Acrópole*, *Habitat*, *Módulo* e *Brasília Arquitetura e Engenharia* deram espaço às teses apresentadas no evento.

Além dos canais especializados, foram publicados artigos voltados para um público mais amplo, como é o caso dos cotidianos *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, no Brasil, assim como o do semanário *France Observateur*, para o qual Choay colaborou ou *The New York Times*, representado pela arquiteta Aline Saarinen.

Mário Pedrosa publicou um balanço do evento em “Lições do Congresso Internacional de Críticos”, na revista carioca *Módulo* em dezembro de 1959. Yves Bruand também fez um resumo dos debates e das principais críticas em “A experiência de Brasília: tentativa de síntese”, publicado originalmente na revista francesa *L’Information d’histoire de l’art* em setembro-outubro de 1961 e depois traduzido e revisado pelo autor para o suplemento literário do jornal *O Estado de São Paulo* em 20 de outubro de 1962. Essas revisões feitas por críticos afirmados, como é o caso de Bruand, e sobretudo de Pedrosa, nos permitem avaliar a importância dada aos diversos temas abordados pelos congressistas no evento e como essas críticas foram recebidas. Nos permite também, ao compará-las com os anais do Congresso, avaliar possíveis assimetrias entre o que foi apresentado e discutido no evento, e o que teve mais repercussão.

Segundo Cappello (2010), entre tais críticas elaboradas a partir deste evento, a que teve maior repercussão veio do diretor da revista italiana *L’architettura – Cronache e Storia*, Bruno Zevi, que já havia se manifestado de forma contundente, contrário ao plano da nova capital, em sua fala no Congresso em Brasília. A sua posição foi compartilhada por Bruno Alfieri, diretor da também italiana *Zodiaco*, que publicaria o “Rapporto Brasile”, onde apresentou Brasília dentro de um quadro geral da arquitetura brasileira, junto com outros temas.

5. A construção de Brasília na perspectiva das mulheres e no Congresso AICA

Em seu trabalho “Memórias Femininas da Construção de Brasília: Narrativa a partir do Filme Poeira e

¹³ O evento foi organizado em oito sessões, uma a cada dia, com os seguintes temas: 1. A cidade nova; 2. Urbanismo; 3. Técnica e expressividade; 4. A arquitetura; 5. Artes plásticas; 6. As artes industriais; 7. Arte e educação e 8. A situação das artes na cidade. As quatro primeiras sessões foram feitas em Brasília, na sede do Supremo Tribunal Federal, nos dias 17, 18, 19 e 20 de setembro; as sessões 5 e 6 aconteceram em São Paulo, por ocasião da Bienal de Arte, nos dias 21 e 22; e as duas últimas foram realizadas no MAM do Rio de Janeiro, nos dias 23 e 24, com jantar de encerramento no dia 25 de setembro (Congresso [...], 1959).



Batom – A Humanização do Monumental (1957/1960)”, Tânia Maria Fontenele Mourão (2022) explora as considerações de diversos teóricos, dentre eles, a historiadora Michelle Perrot, que discorre sobre a marginalização das mulheres no contexto histórico. A autora nos descreve que, segundo Perrot, a imposição de um silêncio social às mulheres complica a sua inserção nos registros históricos. A escassez de fontes pertinentes para o período investigado é indicada pela autora como um dos fatores para a ausência da presença feminina. Historicamente, o acesso das mulheres à escrita foi adiado, e tal fato conduziu a uma notória subvalorização das questões femininas. Ademais, a produção historiográfica tradicional tem sido predominantemente uma empreitada masculina, resultando em omissões deliberadas ou preconceituosas em relação à contribuição feminina.

A autora enfatiza que a viabilidade de uma “História das Mulheres” foi debatida de forma extensiva por Perrot, engajando o diálogo entre feministas e historiadoras a respeito da relevância das interações entre a História das Mulheres e distintas correntes historiográficas na geração de estudos que focalizem a construção dos significados das disparidades de gênero nos processos discursivos de poder - agentes fundamentais na estruturação e legitimação das distinções. A autora endossa a resgatar da obscuridade uma “memória feminina”, como um meio de resistência à “hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricas presentes” (Perrot, 2005 *apud* Fontenele Mourão, 2022, p. 98).¹⁴

Segundo a autora, no intuito de alargar os espaços e conferir uma visibilidade mais abrangente às mulheres, a afirmação do feminino como sujeito passou a ser uma das principais motivações dos movimentos feministas. Além disso, a incorporação frequente de estudos de gênero como categoria analítica das relações sociais nas produções e discussões desses movimentos visa fortalecer as lutas travadas tanto em âmbito político quanto identitário. A autora, por fim, nos traz a citação da teórica Cláudia de Lima Costa (1998), que descreve que essa abordagem representa a “negação epistemológica de qualquer tipo de essência à mulher” (Costa *apud* Fontenele Mourão, 2022, p. 98). No contexto histórico, a autora observa que a utilização do termo “gênero” também permitiu “incorporar a dimensão sexual que permeia nossas práticas sociais cotidianas, até então negligenciadas e/ou não consideradas pelas pesquisas históricas” (*ibid.*).¹⁵

Com isso, Tânia M. Fontenele Mourão pretende, em seu trabalho, reverter a narrativa hegemônica sobre a construção de Brasília, centrada nas figuras dos seus criadores consagrados e nos operários, todos homens, apresentando uma visão feminina apoiada nos depoimentos de mulheres pioneiras que exerciam os mais diversos trabalhos, desde lavadeiras a funcionárias públicas. Mas é possível transpor a marginalização feminina observada na história dessas trabalhadoras para uma possível desigualdade no campo cultural?

Pierre Bourdieu ressalta, em *A dominação masculina*, a importância de relacionar sempre a condição feminina em relação aos seus pares homens, para que se tenha uma compreensão mais precisa das estruturas de dominação, às vezes dissimuladas pela posição de prestígio social que algumas mulheres conquistam. Segundo Bourdieu (2012, p. 127):

Estabelecendo relações, podemos também compreender que a mesma relação de dominação pode ser observada, sob formas diferentes, nas condições femininas mais diversas, que vão da dedicação benévola das mulheres da grande burguesia dos negócios e do dinheiro a seu lar, ou a suas boas obras, à dedicação ancilar e 'mercenária' das empregadas da casa, passando, no nível da pequena burguesia, pela ocupação de um emprego assalariado complementar ao do marido, compatível com ele, e quase sempre exercido como algo inferior.

Ao observar as profissões intelectuais e as ligadas à venda de serviços simbólicos, exercidas em jornais, cinemas, publicidade e decoração, Bourdieu nota que houve um aumento da representatividade feminina, sobretudo devido à ampliação do acesso ao ensino médio e superior no segundo pós-guerra. No entanto, afirma que

As mudanças visíveis de condição ocultam, de fato, a permanência nas posições relativas: a igualização de oportunidades de acesso e índices de representação não deve mascarar as desigualdades que persistem na distribuição entre os diferentes níveis escolares e, simultaneamente, entre as carreiras possíveis (Bourdieu, 2012, p. 109).

¹⁴ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005. p. 16.

¹⁵ COSTA, Cláudia de Lima. O tráfego de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, p. 127-140, 1998. p. 134.

Essas considerações de Bourdieu nos permitem inferir que a marginalização da memória feminina na construção de Brasília, observada por Fontenele Mourão (2022) pode ter se perpetuado desde os estratos sociais menos favorecidos aos agentes no campo intelectual, como pretendemos mostrar adiante.

Inicialmente, iremos avaliar quantitativamente a participação de mulheres no contexto do Congresso de 1959, que reuniu aproximadamente 150 participantes, incluindo delegados, observadores e profissionais de imprensa. Dos 112 membros inscritos, 9 eram mulheres, o que corresponde a cerca de 8% do total. A participação feminina foi mais equilibrada na imprensa, com três dentre oito jornalistas e majoritária entre os observadores, com 64% das inscrições¹⁶. Como podemos concluir a partir dos números, e também das fotografias (Figuras 1 e 2), o evento era predominantemente masculino. Mesmo assim, esse baixo percentual representativo é compatível com o de mulheres que estavam se formando em arquitetura na época¹⁷.

Figura 1: Chegada dos participantes do Congresso ao Palácio do Supremo Tribunal Federal em Brasília.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, foto: Mário Fontenelle, Brasília 1959.

¹⁶ Cf. [MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO]. Relação de delegados, observadores e demais participantes do congresso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE, 1959, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro. **Lista** [...]. Rio de Janeiro: [s. n.], 1959.

¹⁷ A título de comparação, em 1958 formaram-se 21 mulheres em uma turma de 143 pessoas na Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro, a maior da época no Brasil, correspondendo a 14,7% do total. Cf. ARQUITETOS de 1958. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1958. 2º caderno, p. 7.

Figura 2: Sessão inaugural do Congresso. Na primeira fila, da esquerda para a direita: Fayga Ostrower, Eero Saarinen, Aline Saarinen, John Entenza, André Wogenscky e Carola Giedion-Welcker.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal, foto: Mário Fontenelle, Brasília 1959.

Além de ser assimétrica, a atuação feminina no Congresso não condiz com o percentual das participantes inscritas. Das 32 teses apresentadas nas oito sessões do evento, apenas uma foi de autoria feminina, ou seja 3%. E por pouco não foi nula. A artista Fayga Ostrower, que apresentou “O valor da arte na educação”, provavelmente foi convidada de última hora para suprir a ausência de Herbert Read na sessão dedicada à “arte e educação”, como constava na programação inicial divulgada na imprensa¹⁸. Durante a sexta sessão, a arquiteta francesa Charlotte Perriand também fez uma apresentação, mas nesse caso foi o resumo de um texto redigido por Lucio Costa sobre “as artes industriais”, uma vez que Costa não pôde comparecer pessoalmente.

Quanto à participação nas discussões, notamos que suas falas também foram raras e pontuais, se comparadas com as falas masculinas. Geralmente exprimiam suas considerações em poucas frases, em contraste com os longos discursos dos homens. Na sessão intitulada *Artes plásticas*, quando se discutia o tema da síntese ou integração das artes, Lisetta Levi, Fayga Ostrower, Carola Giedion-Welcker e Charlotte Perriand fizeram comentários, sempre breves. Na sessão intitulada *As artes industriais*, Aline Saarinen e Maria Elisa Costa¹⁹ também fizeram suas colocações. A arquiteta Charlotte Perriand (Figura 3) foi quem participou mais ativamente, intervindo em vários momentos ao longo do evento. Ela participou dos debates na sessão sobre artes plásticas, assim como na de *Técnica e Expressividade*, quando entrou na discussão entre Mário Pedrosa e Raymond Lopez sobre a controversa expressão de Pedrosa, de que os brasileiros seriam “condenados ao moderno” (Congresso [...], 1959, p. 38), mas foi interrompida pelo Presidente da mesa François Le Lionnais, que considerou a intervenção fora do tema. Sua fala na sessão *A Arquitetura*, no entanto, foi a mais contundente, como veremos mais adiante. Françoise Choay, por sua vez, não se manifestou durante os debates e sua crítica à cidade só foi conhecida após a publicação de seus artigos, em 1959.

¹⁸ Cf. CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE: a cidade nova - síntese das artes. **Jornal do Brasil**, Suplemento dominical, Rio de Janeiro, 19 set. 1959.

¹⁹ Nos anais consta o nome de Maria Ester Costa, mas acreditamos se tratar da arquiteta Maria Elisa, filha de Lucio Costa, que aparece em fotos do evento.

Figura 3: Charlotte Perriand e Oscar Niemeyer em Brasília, 1959.

Fonte: <https://www.architecturalrecord.com/articles/14307-a-blockbuster-exhibition-in-paris-explores-the-pioneering-work-of-charlotte-perriand>

Outro dado que chama a atenção é a omissão dos nomes de várias mulheres pela imprensa e pela própria organização do evento. Enquanto conhecemos os nomes de todos os participantes homens, mesmo os dos observadores, muitas mulheres, como a Sra. Argul, a Sra. Bloc, a Sra. Calder, a Sra. Haskell, a Sra. Lopez, a Sra. Papadaki e a Sra. Wogenscky tiveram seus nomes omitidos em favor dos de seus maridos²⁰. Essa omissão não se justifica, sobretudo porque entre elas havia artistas importantes como Marta Pan, mulher de Wogenscky e Audrey Skaling, mulher de Papadaki. Portanto, ainda que inscritas como observadoras, não faria sentido tratá-las como se fossem acompanhantes desinteressadas. Nesse mesmo sentido, somente após alguma pesquisa pudemos descobrir que o nome da Secretária Geral da AICA, a quem a imprensa sempre se referia como Sra. ou Mme. Gille-Delafon, era Simone.

6. As diferentes perspectivas sobre o planejamento da cidade

Até então nos debruçamos sobre dados quantitativos da participação feminina e oferecemos um panorama de seu tratamento social, mas para tentar avaliar a qualidade de suas intervenções e dos textos por elas produzidos, é importante problematizar os pronunciamentos feitos durante o Congresso a partir da perspectiva feminina na crítica arquitetônica.

A partir dos anos de 1960 novas formas de pensar a arquitetura emergiram à medida que as críticas ao Movimento Moderno se multiplicaram. Vários autores foram responsáveis por esses questionamentos. Podemos aqui citar, em diálogo paralelo ao de Choay, o de Jane Jacobs e sua obra "Morte e Vida de Grandes Cidades" (1961). Jacobs não direciona sua crítica de maneira específica a Brasília, mas, para ela, a cidade planejada não poderia ser considerada simplesmente racional ou funcional, o que pressupõe certa neutralidade, a menos que consideremos a relação entre a prática do planejamento e a perspectiva de gênero. Diz Jacobs:

A maioria dos arquitetos e planejadores urbanos são homens. Curiosamente, eles projetam e planejam para excluir homens como parte da vida normal diurna onde as pessoas vivem. Ao planejar a vida residencial, eles visam preencher as supostas necessidades diárias de donas de casa e crianças em idade

²⁰ Em nossas pesquisas, identificamos os nomes da Sra. Argul, Margarita Quesada Milan, da Sra. Calder, Louisa James, da Sra. Haskell, Helen Lacey, da Sra. Papadaki, Audrey Skaling e da Sra. Wogenscky, Marta Pan, mas não identificamos os nomes das Sras. Bloc e Lopez.



pré-escolar impossivelmente desocupadas. Eles planejam, em suma, estritamente para sociedades matriarcais. O ideal de um matriarcado inevitavelmente acompanha todo planejamento em que as residências são isoladas de outras partes da vida (Jacobs, 1961, p. 83, tradução nossa)²¹.

A autora, que critica o urbanismo moderno, dentre tantas questões, problematiza o isolamento das residências dos demais aspectos da vida e a separação da recreação em espaços exclusivos. Para ela, esse tipo de planejamento é contaminado por um “ideal do matriarcado”, como uma romantização da função materna pelos planejadores homens, que ignoram as inúmeras atividades e demandas envolvidas no trabalho reprodutivo²², onde o poder da mulher se resume estritamente à esfera doméstica, excluindo a participação dos homens como parte integrante da vida diária familiar. Enquanto isso, sob a lógica patriarcal, lhes é reservado todo o mundo externo.

Choay, por sua vez, critica a visão tecno-científica do urbanismo em seu livro *O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. De acordo com a autora:

O urbanismo não questiona a necessidade das soluções que preconiza. Tem a pretensão de uma universalidade científica: segundo as palavras de um de seus representantes, Le Corbusier, ele reivindica “o ponto de vista verdadeiro”. Mas as críticas dirigidas às criações do urbanismo são feitas também em nome da verdade. Em que se baseia essa discussão de verdades parciais e antagônicas? Quais são os paralogismos, juízos de valor, paixões e mitos que revelam ou dissimulam as teorias dos urbanistas e as contrapropostas de suas críticas? (Choay, 1979, p. 2)

A normalização desse ponto de vista universal, técnico, ou verdadeiro, criticado por Choay, e atribuído aos homens por Jacobs, costuma dissimular a perspectiva de gênero de quem propõe tais pontos de vista, mas às vezes emergem de maneira mais evidente em falas como a de Lucio Costa, que, anos após a inauguração de Brasília, explica as escalas da cidade, reforçando, mesmo que inconscientemente, a romantização da função materna. Diz ele:

Creio que houve sabedoria nesta concepção: todos os prédios soltos do chão sobre pilotis, no gabarito médio das cidades européias tradicionais – antes do elevador –, harmoniosas, humanas, tudo relacionado com a vida cotidiana; **as crianças brincando à vontade ao alcance do chamado das mães [...]** (Costa, 1995, p. 308, grifo nosso)

Em “Uma capital pré-fabricada”, Choay aborda vários aspectos da cidade, incluindo questões de escala e zoneamento do plano urbanístico, bem como questões arquitetônicas como a integração das artes, o design de interiores, as soluções habitacionais e a relação entre a cidade e a sociedade brasileira. Ela começa o texto levantando uma questão de fundo:

Mas esse projeto de cidade cruciforme, herdado da Antiguidade em sua satisfatória simplicidade, estará realmente adaptado à vida moderna? Não seria o caso de apontar um problema de escala? As distâncias tradicionais são aqui multiplicadas não em função das pernas do homem, mas da velocidade da máquina que a técnica pôs a sua disposição. Ora, por maiores que sejam as facilidades automobilísticas disponíveis, as distâncias quilométricas dentro de uma cidade se mostram, em relação à dimensão humana, não apenas dispersivas, mas desintegradoras. Além disso, haverá lógica em ordenar com tanto rigor o espaço urbano e separar completamente os locais de moradia dos de trabalho? (Choay, 2012, p. 62)

Em seguida, a autora assevera uma retomada consciente e sistemática do processo de criação de cidades dormitórios, com a separação dos espaços destinados à habitação e à atividade pública em dois grandes eixos. Choay questiona se Brasília será diferente das demais cidades conhecidas e destaca que ainda não foram feitas experiências urbanas radicais para aumentar sua densidade e evitar a dispersão, ou para integrar vida pública e privada longe do tráfego automobilístico. Essa questão dialoga diretamente com os problemas de planejamento urbano apontados por Jacobs, sem, no entanto, mencionar as relações de gênero como possíveis causas desses problemas.

Esses textos, de Choay, assim como de Jacobs e de suas contemporâneas, podem ser relidos hoje à luz da teoria feminista do ponto de vista e seus desdobramentos, em favor da objetividade forte (Harding,

²¹ Tradução livre de: *Most city architectural designers and planners are men. Curiously, they design and plan to exclude men as part of normal, daytime life wherever people live. In planning residential life, they aim at filling the presumed daily needs of impossibly vacuous housewives and preschool tots. They plan, in short, strictly for matriarchal societies. The ideal of a matriarchy inevitably accompanies all planning in which residences are isolated from other parts of life.*

²² Por trabalho reprodutivo se entende a atividade necessária ao sustento da vida, geralmente desempenhada por mulheres, que inclui a alimentação, a educação e o cuidado de crianças e idosos, a manutenção do espaço doméstico, além da própria reprodução humana: a gravidez, o parto e a lactância.



1992) e de um saber localizado (Haraway, 2009). Comparando essas análises com as feitas pelos críticos homens, verifica-se uma perspectiva crítica diferente, que enfatiza suas vivências sociais enquanto mulheres, mesmo na ausência de um viés explicitamente feminista. Essa perspectiva, fruto de um olhar sensível às particularidades da condição das mulheres em uma sociedade profundamente marcada por desigualdades de gênero e pelo patriarcado, emerge em análises situadas, corporificadas, que abordam as complexidades e contradições da vida cotidiana. Mas, não por isso, são menos objetivas.

Haraway (2009) defende que a noção de objetividade do conhecimento, seja ele científico ou tecnológico, seja repensada em outros termos, introduzindo a noção de “saber localizado”. Para a bióloga e filósofa norte-americana, a narrativa hegemônica das ciências e tecnologias ocidentais, que associam a neutralidade e universalidade do conhecimento à objetividade, esconde mecanismos de poder e subjugação, assim como “a falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades” (*ibid.*, p. 21).

Um dos caminhos para o combate à visão transcendental do conhecimento é demonstrar os mecanismos de construção desses saberes, usando as ferramentas de análise que alguns críticos à maneira pretensamente neutra como o conhecimento científico é construído, como Bruno Latour, nos oferecem hoje, por exemplo (Latour, 2000). Mas, para a autora, a denúncia de uma ciência enviesada não é suficiente. “Quem tem interesses políticos não pode permitir que o construcionismo social se desintegre nas emanantes radiantes do cinismo”, afirma a autora (*ibid.* p. 10). Assim, defende que as feministas têm que insistir numa explicação “o melhor do mundo; não basta mostrar a contingência histórica radical e os modos de construção de tudo” (*ibid.*, p. 15).

A moral simples: apenas a perspectiva parcial promete visões objetivas. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver (Haraway, 2009, p. 21).

Haraway argumenta que a noção de objetividade seja reformulada, portanto, no sentido de privilegiar a perspectiva parcial feminina, corporificada, responsável, em face de uma visão universal hegemônica, do conhecimento científico.

Assim, ainda que os textos de Françoise Choay não tenham um caráter manifestamente feminista, as questões levantadas por ela tocam diretamente problemas enfrentados por mulheres nas cidades, e Brasília, para ela, era uma boa oportunidade para tratá-los. Para Choay, em uma declaração dada à arquiteta Aline Saarinen, Brasília foi:

[...] uma oportunidade excepcional para refletir sobre todos os problemas, que se tornaram aqui evidentes, (se não resolvidos) que surgem no mundo atual, quando em todo lugar, e de maneira menos notável, e na sombra das cidades antigas, cidades novas estão sendo criadas. Assim, Brasília interessa a cada um de nós (Itinerário [...], 1959, 2º caderno, p. 2).

Portanto, se concordamos que o ambiente construído afeta a vida de homens e mulheres de maneira diferente, e que a perspectiva masculina dominou a produção do ambiente de Brasília, é preciso colocar essa perspectiva em questão e não aceitá-la como norma.

A arquitetura é uma produção cultural bastante poderosa, porque é, sobretudo, material. O ambiente construído facilita certas ações, desincentiva outras, produzindo um impacto real na vida das pessoas. Os arquitetos têm autoridade para desafiar a ordem estabelecida e oferecer uma implicação espacial na busca de transformações sócio-corpóreas. Para isso, precisamos, entre outras coisas, visitar a historiografia da arquitetura, e uma das maneiras é fazê-la de forma crítica, reconhecendo que tantas mulheres foram silenciadas pelos discursos dominantes. Se quisermos subverter as normativas consolidadas na disciplina arquitetônica, precisamos conhecer e nos conscientizar das dinâmicas sociais de gênero. Por fim, trazemos a conclusão de Lia Antunes:

É fundamental perceber quais as contribuições das mulheres para a arquitetura e que mudanças podem trazer ou efetivamente trouxeram à disciplina. Para tal, é preciso conhecer em que situações e em que moldes é que elas arquitetam, de forma a impulsionar um processo que permita incorporar a visão transversal do gênero na organização da profissão. (Antunes, 2016, p. 68)



Partindo dessa base, torna-se factível reconhecer a relevância da perspectiva feminina na avaliação da arquitetura e, conseqüentemente, compreender as críticas específicas que as mulheres teceram à arquitetura e urbanismo modernos. Ao se incorporar uma visão crítica e transversal, é possível oferecer uma compreensão mais responsável – no sentido de saber a quem atribuir responsabilidade – da história da arquitetura, especialmente em relação à representação de diferentes grupos e dinâmicas sociais. Propomos, com esta premissa, fazer uma reflexão sobre as críticas realizadas por mulheres ao projeto de Brasília, destacando contribuições ainda pouco valorizadas.

7. O problema da habitação moderna

Um dos temas tratados durante o Congresso de 1959, especialmente por Charlotte Perriand, e também nos artigos de Françoise Choay sobre Brasília, é o problema da habitação moderna. Novamente, antes de analisarmos como essas discussões aconteceram no âmbito do Congresso, faremos uma contextualização do tema sob a perspectiva feminista.

Em seu artigo “Corpos, cadeiras, colares”, Silvana Rubino (2010), destaca que mais do que as mulheres que foram marginalizadas, aquelas que tiveram um papel central em seus campos respectivos podem trazer novas perspectivas sobre a discreta divisão de trabalho por gênero no âmbito da prática arquitetônica do século XX. A autora sugere que essas mulheres podem revelar um modernismo com características femininas. Ao discutir a participação feminina nos grupos de arquitetos modernos, cita nomes como Eileen Gray, Ray Eames e Alison Smithson, que se destacam, porém, suas presenças e sucessos não necessariamente indicam uma ausência de formas sutis de “submissão e auto-submissão” (Rubino, 2010, p. 334).

Com isso, Rubino (2010) propõe questionamentos à história da arquitetura, frequentemente negligente em relação a questões de gênero, ao indagar se o aforismo conhecido de Walter Gropius – que sugere que tudo, da colher à cidade, poderia ser tarefa do arquiteto – possui nuances adicionais. Ela sugere que algumas escalas de projeto possivelmente foram abordadas por arquitetas mulheres, cujas contribuições complementaram as realizações dos arquitetos associados ao movimento moderno.

A autora então explora a concepção do mundo doméstico como destino feminino, ao mesmo tempo em que aponta para a hierarquia que o acompanha. Ela ressalta que revisitar os cânones dessa história, incluindo o papel dos ateliês, cooperativas, grupos, escolas e associações, é essencial para uma compreensão abrangente das dinâmicas da arquitetura moderna e da presença das mulheres nesse contexto. A abordagem de Rubino enfatiza, sobretudo, que é no âmbito doméstico que as nuances dessas diferenças se tornam visíveis, especialmente por meio dos rituais de práticas profissionais que frequentemente refletem padrões androcêntricos e patriarcais arraigados.

(...) o mundo doméstico aparece como o destino feminino ao mesmo tempo em que estabelece uma hierarquia: o lugar para onde elas deveriam retornar não era dos mais desejados pelo mundo dessas profissões masculinas. Ou seria? Segundo Beatriz Colomina nada distinguiu mais a arquitetura do século XX do que o papel crucial da casa privada, com idéias importantes de Adolf Loos, Le Corbusier e outros, sendo elaboradas por meio dos projetos de residência – casas que os tornaram conhecidos, tenham ou não sido construídas, especialmente aquelas que foram projetadas para mostras, publicações e concursos. (Rubino, 2010, p. 334-335)

E, com efeito, as diferenças entre as perspectivas masculinas e femininas são mais explícitas na análise do setor residencial. É o que entendemos ao ler críticas como as de Douglas Haskell e Bruno Zevi às superquadras, por exemplo, como relata Yves Bruand (1962), em que eles denunciavam a monotonia dos edifícios. Bruand, ao rebater essas críticas, defende a qualidade plástica dos edifícios e os jogos de volumes inusitados propostos por Niemeyer.

A perspectiva das mulheres, por sua vez, se concentra nos problemas de conforto e na distribuição dos ambientes internos. Ao comentar as soluções habitacionais em Brasília, Choay (1959, 2012) argumenta que as superquadras produzidas por Niemeyer são apenas soluções provisórias, feitas às pressas para atender às emergências. Ela destaca os problemas de conforto ambiental, afirmando que o assim chamado “ambiente interno”, não é mais bem estudado que nas HLM [*Habitation à Loyer Modéré*], quer se trate do isolamento acústico, quer da ventilação” (Choay, 2012, p. 65).

Charlotte Perriand, por sua vez, questiona a distribuição interna dos apartamentos das superquadras (Figura 4) durante a sessão sobre arquitetura. Ela disse:

O tema de hoje é a arquitetura e creio que já é tempo de se falar no habitat. Até agora falamos de arquitetura

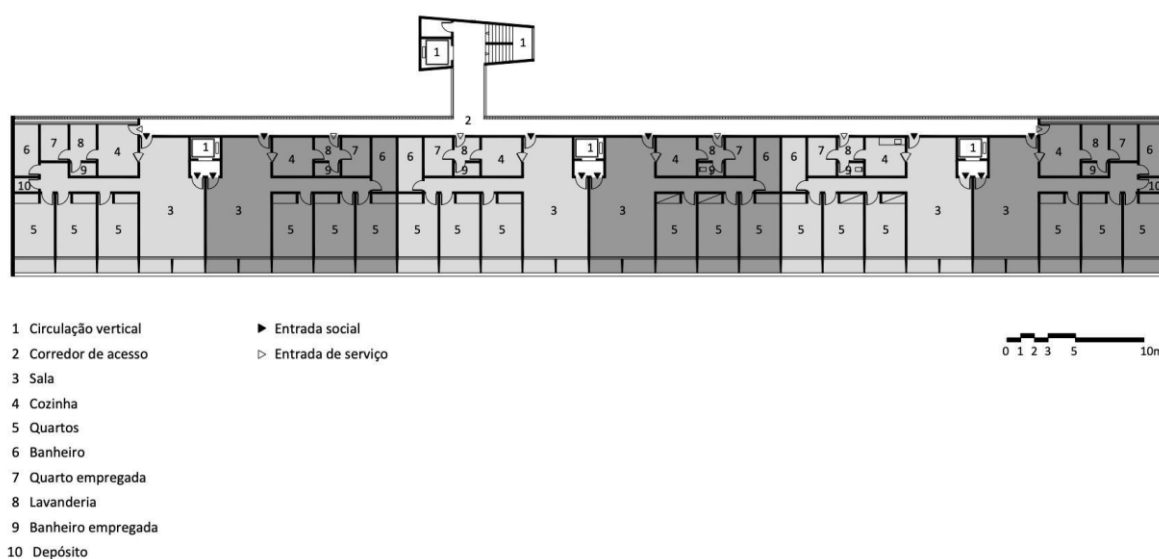
monumental e de outras coisas, mas o que toca fundo no coração do homem é o habitat. Nunca se fala nele, e no entanto é o assunto mais difícil, e o mais mal resolvido. Isto é verdade em todas as partes do mundo, e provavelmente aqui também. É por isso que eu vos convido a pensar no habitat. É onde o homem dorme, e também onde o homem sonha e onde vive com sua família. Isto pressupõe uma arte de viver, e esta arte muda. Não pensamos mais que há evolução; trancamo-nos em pequeninas peças bem separadas umas das outras, e tenho a impressão que o espírito se entristece nessas casas. Se a cozinha for numa peça separada, a mulher que trabalha ali se sentirá isolada da família, mas se todos os gestos cotidianos estiverem integrados em uma peça espaçosa, então se estará revalorizando os que trabalham e as relações entre as criaturas no habitat. Aliás, essa forma dividida que vimos hoje, essas peças separadas umas das outras, não existiram em todos os tempos. Mas o habitat é o parente pobre da arquitetura.

Brasília nos dera a esperança de uma melhora, mas visitando um apartamento de Brasília pude constatar que não havia ali as modificações para melhor no plano social que eu gostaria de encontrar. Faço votos para que no futuro em Brasília se dê uma atenção toda especial às residências, que são o que toca mais de perto ao homem (Perriand, 1959, p. 66).

Em outras palavras, Perriand expunha a contradição do projeto moderno de Brasília, que avançou em diversas questões na configuração do espaço público e dos edifícios representativos, mas que foi incapaz de romper com as estruturas mais arcaicas e conservadoras dos ambientes domésticos, como ela enfatiza neste outro comentário em sua autobiografia:

Nós visitamos vários tipos de moradias, o ninho do homem. Infelizmente... Seus pés haviam ficado presos às pantufas do século XIX. O interior era cuidadosamente dividido em sala de estar, sala de jantar, quartos, por paredes e portas, sem qualquer poesia, sem se beneficiar dos avanços domésticos. Um pequeno ambiente que eu pensava se tratar de um depósito acabou se revelando destinado à “empregada doméstica”. Aquilo me revoltou. (Perriand, 1998, p. 366, tradução nossa)²³

Figura 4: Bloco de apartamentos de três quartos construído nas Superquadras 106, 107 e 108 Sul. Projeto de Oscar Niemeyer.



Fonte: Redesenho com base em Ferreira; Gorovitz, 2020

É importante ressaltar, no entanto, que o fato da preocupação feminina com o habitar ser mais presente no debate europeu e norte-americano que no Brasil, parece ter raízes em outras questões que ultrapassam as dinâmicas de gênero. De acordo com Ana Gabriela Godinho Lima em seu livro “Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do século XX” (2014), a forma como as mulheres latinoamericanas se envolveram com o campo teórico da arquitetura na região foi diferente daquela observada em países europeus e nos Estados Unidos. Enquanto nestes países a produção do conhecimento sobre o ambiente doméstico e o funcionamento da casa permitiu a inserção da mulher no

²³ Tradução livre de: *Nous avons visité plusieurs types de logis, le nid de l'homme. Hélas... Leurs pieds étaient restés dans les pantoufles du XIXe siècle. L'intérieur était soigneusement compartimenté en salon, salle à manger, chambres par des cloisons et des portes, sans aucune poésie, sans même bénéficier de l'apport des progrès domestiques. Une petite pièce que je prenais pour un débarras se révélait être attribuée à la « servante ». Ça m'a révoltée.*

campo teórico da arquitetura, na América Latina isso não ocorreu dessa maneira.

Segundo a autora, as mulheres europeias e norte-americanas não contavam com a mesma facilidade de acesso a empregados domésticos como ocorria na América Latina, o que representava um grande obstáculo para a inserção da mulher no campo teórico da arquitetura. Isso se deve ao fato de que, especialmente após a entrada do século XX, recorrer aos serviços de um empregado doméstico fixo ou residente representava um ônus significativo na economia familiar. As mulheres latinoamericanas passaram a atuar em outros campos da produção de conhecimento sobre a arquitetura. Diferentemente do que ocorreu nos países do norte, algumas pioneiras não se restringiram ao campo da habitação, mas se dedicaram a outras preocupações sociais e culturais (Lima, 2014).

8. Narrativas em primeira pessoa

Aquilo que poderia ser considerado uma fraqueza na crítica feminina – e que provavelmente está na raiz do seu silenciamento, por exprimir pontos de vista pessoais, subjetivos –, é considerado por Harding (1992) como uma das premissas de uma “objetividade forte”, assim como por Haraway (2009) na defesa de seu argumento em favor dos pontos de vista parciais, ou “saberes localizados”, para a construção do conhecimento.

A ênfase nos detalhes e as narrativas em primeira pessoa, portanto, são características que reforçam os argumentos dessas autoras. Há uma preferência, nos textos analisados, por tratar o específico em detrimento do geral, o funcionamento interno em oposição à aparência externa, a visão a nível do chão e não a do “vão de pássaro”. Vemos frequentemente opiniões pessoais, localizadas e situadas no tempo. Choay (2012) deixa claro em seus textos que estava analisando a cidade na condição em que foi visitada, levando em conta o tempo de construção, a importância da obra, que muito ainda estava por ser feito e que os problemas identificados poderiam ser corrigidos.

Quando aborda a plasticidade das obras de Niemeyer em Brasília, por exemplo, ela descreve suas características formais e tectônicas, destacando o seu caráter artístico e afirmando que a Praça dos Três Poderes é um dos pontos altos da cidade. A autora discorda das críticas severas feitas durante o Congresso sobre a suposta falta de funcionalidade e o elevado custo de construção. Em vez disso, defende a arquitetura como expressão artística e cultural, refletindo a visão do arquiteto para a situação específica que ele projeta, e sendo capaz de dialogar com a sociedade e refletir seus valores e aspirações.

Porém, não deixa de apontar problemas. Ela entende que a integração das artes na arquitetura parecia ter ficado em segundo plano, argumentando que Niemeyer e sua equipe não se preocuparam com isso, criando formas auto-suficientes. Ao visitar o Palácio da Alvorada, destaca que algumas obras de arte não pareciam estar adaptadas às dimensões ou ao espírito dos edifícios em que estavam inscritas. Ao abordar a questão do design de interiores, apontou a falta de correspondência entre o mobiliário, as pinturas e as formas puras da arquitetura, sugerindo que o desinteresse de Niemeyer em relação ao design e a pobreza das soluções para os problemas de design de interiores, refletia a falta de atenção ao desenho industrial no Brasil (Choay, 2012).

A atenção aos detalhes não é uma exclusividade do seu texto. Quando visitou Brasília em 1958, a poetisa norte-americana, radicada no Rio de Janeiro, Elizabeth Bishop, que integrava a comitiva organizada pelo Itamaraty para acompanhar o escritor inglês Aldous Huxley em sua visita ao país, também prestou atenção neles. Em “Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios”, Bishop aponta os problemas de conforto térmico e acústico no hotel Brasília Palace (Figura 5):

A parede voltada para o oeste é feita de placas grandes de cimento, com mais de dez centímetros de espessura, e em intervalos regulares foram inseridas fileiras de pequenos copos redondos [...]. Os copos deixam a luz entrar na forma de milhares de manchas luminosas nas paredes e nos carpetes cinzentos dos corredores, um efeito muito bonito; infelizmente, porém, desde o momento em que o sol começa a descer no lado oeste do céu até a manhã seguinte, o calor torna-se infernal.

[...] Os tetos do banheiro também têm furos que se abrem para esse vão comum, o que tem a consequência desagradável de permitir que a gente ouça perfeitamente a pessoa tomando banho no banheiro ao lado, com todos os detalhes.

E chama a atenção para a ausência de corrimão na escada que conecta os níveis do saguão do hotel (Figura 6):

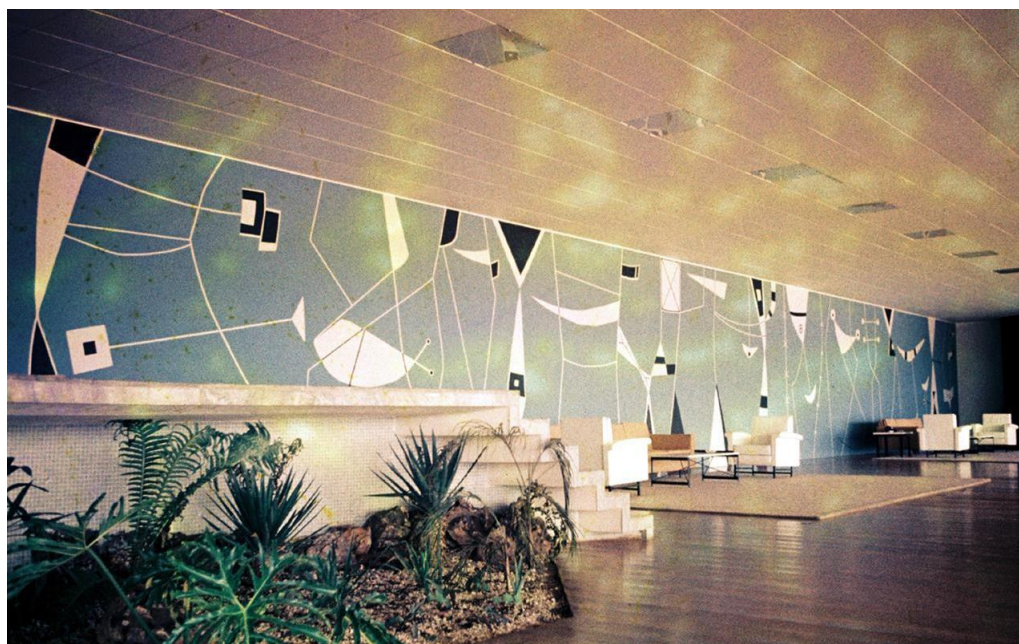
A única vez que vi Aldous Huxley irritar-se durante a viagem foi no momento em que, logo depois de chegar no dia seguinte, estava caminhando no salão, contra a luz, e quase caiu da rampa. Dando claros sinais de aborrecimento, a seu modo contido, comentou que os corrimão estavam sendo utilizados há alguns milênios e que era “uma pena abandonar uma invenção tão útil.” (Bishop, 2014, p. 214)

Figura 5: Corredor do Brasília Palace Hotel.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (circa 1960).

Figura 6: Saguão do Brasília Palace Hotel.



Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal (1958).

São detalhes aparentemente pequenos dentro de um grande empreendimento como a construção de uma cidade inteira, mas que denotam a preocupação de quem vive mais intensamente os problemas de cuidar de crianças ou idosos no cotidiano, função socialmente delegada às mulheres.

O discurso direto adotado por Bishop, também é uma característica dos textos de Choay, sobretudo o



escrito para o semanário *France Observateur*, provavelmente devido ao público alvo da revista, diferente de uma revista de crítica de arte como a *L'Oeil*. Os assuntos tratados em “*Une capitale sort de terre: Brasília*” foram os mesmos de “Uma capital pré-fabricada...” e as conclusões são parecidas, mas o discurso em primeira pessoa coloca o leitor dentro do cena, como no trecho a seguir:

Raras vezes eu senti uma sensação mais exaltante do que nos canteiros de obras de Brasília, onde equipes de trabalhadores se alternam em uma ordem impecável e trabalham com entusiasmo. Mas a pressa para terminar tudo a tempo tem suas consequências. Às vezes, certos edifícios foram estudados insuficientemente, às vezes o arquiteto não pôde estar presente no local a tempo de evitar um erro. Cada vez que tive a oportunidade de observar um defeito óbvio (entre outros, a lamentável falta de isolamento acústico no hotel, a mediocridade de alguns prédios residenciais), Niemeyer se justificou citando a pressa com a qual estava lidando. Mas, no final, essa obsessão com o tempo, essa restrição dos prazos, explica por que, embora a experiência de Brasília seja apaixonante do ponto de vista humano, ela se revela decepcionante do ponto de vista urbanístico. (Choay, 1959, p. 15, tradução nossa)²⁴

Ou quando relata sua impressão ao visitar a “Cidade livre”, atual Núcleo Bandeirante, para criticar a escala do plano piloto pensada em torno do automóvel:

Os centros de atividades, lojas, cafés, barracas ou restaurantes são tão próximos que o carro se torna desnecessário ou incômodo. Minha visão não é nada passadista, não sou uma amante do pitoresco. Apenas constato o valor irremediável da escala humana, num momento em que ela foi suplantada pela escala das velocidades mecânicas. Não quero tornar a promiscuidade uma regra absoluta, mas o ombro que reina no Faroeste de Brasília, como nas favelas do Rio (tão mais humanas do que as grandes avenidas de Copacabana), me parece uma das condições básicas a serem realizadas na cidade do amanhã. (Choay, 1959, p. 16, tradução nossa)²⁵

Em “Uma capital pré-fabricada”, Choay (2012) conclui que Brasília triunfou como uma solução poética, mas falhou como uma proposição prática. Ela sugere que a cidade teria sido um símbolo ainda maior se o problema da moradia tivesse sido levado mais a sério e se os cuidados dispensados ao setor público tivessem sido empregados na construção do setor residencial, mas enfatiza que a aventura de Brasília ultrapassa o cenário de um grande país e pertence a cada um de nós. Na conclusão de “*Une capitale sort de terre: Brasília*”, deixa a pergunta em aberto: o conceito de cidade tradicional está realmente ultrapassado? (Choay, 1959).

9. A recepção das críticas femininas

A seguir, veremos como algumas dessas críticas femininas foram recebidas pela crítica hegemônica, tomando como seu porta-voz o crítico Mário Pedrosa.

Em “Lições do Congresso Internacional de Críticos”, a avaliação que Pedrosa fez à participação de Perriand foi resumida como “corajosa e comovente” (Pedrosa, 1981, p. 380). Relendo o depoimento de Perriand podemos nos perguntar: corajosa, por que? Suas colocações foram tão corajosas assim, ou foi considerada corajosa a sua atitude de se expressar em público?

Outro caso emblemático foram as reações ao artigo da historiadora alemã radicada nos Estados Unidos, Sibyl Moholy-Nagy, publicado na *Progressive Architecture* em outubro de 1959 “Brasília – conceito majestoso ou monumento autocrático?”. Moholy-Nagy não participou do Congresso, mas esteve em Brasília alguns meses antes do evento. Em seu texto, ela considera descabidas algumas soluções, e também se demonstrou sensível às questões de conforto, como no trecho a seguir: “Em um planalto equatorial a mais de mil metros de altitude, com o brilho ofuscante de uma atmosfera tropical sem

²⁴ Tradução livre de: *J'ai rarement reçu l'impression plus exaltante que sur les chantiers de Brasília, où les équipes de travailleurs se succèdent dans un ordre impeccable et travaillent avec enthousiasme. Mais la hâte de tout terminer à temps n'est pas sans contrepartie. Tantôt certains bâtiments n'ont pas été suffisamment étudiés, tantôt l'architecte n'a pu se rendre sur place à temps pour éviter une malfaçon. Chaque fois que j'ai eu l'occasion d'observer un défaut manifeste (entre autres déplorable insonorisation de l'hôtel, médiocrité de certains immeubles d'habitation), Niemeyer s'est justifié en invoquant la hâte à laquelle il était contraint. Mais finalement cette obsession du temps, cette contrainte des délais expliquent que si l'expérience de Brasília est passionnante sur le plan humain, elle s'avère décevante sur le plan urbanistique.*

²⁵ Tradução livre de: *Les centres d'activité, boutiques, cafés, échoppes ou restaurants sont si rapprochés que l'auto devient inutile ou gênante. Ma vision n'est nullement passéiste, je ne suis pas amateur de pittoresque. Je constate simplement la valeur irremplaçable de l'échelle humaine, dans un moment où elle a été supplantée par l'échelle des vitesses mécaniques. Je ne voudrais pas ériger la promiscuité en absolu, mais le coude-à-coude qui règne dans le Far West de Brasília, comme dans les favelas de Rio (tellement plus humaines que les grandes avenues de Copacabana), me semble une des conditions de base à réaliser dans la cité de demain.*



árvores, será difícil permanecer em seus interiores, especialmente porque não foi previsto um sistema de ar-condicionado” (Moholy-Nagy, 1959/2012, p. 58-59). Também fez críticas mais contundentes aos arquitetos de Brasília, afirmando que:

Para os iniciados, há uma estranha falta de escala na relação entre as duas torres e a paisagem plana e as duas construções circulares. Niemeyer acha que elas “criam esse jogo de forma que constitui a própria essência da arquitetura, e que Le Corbusier tão bem define: ‘*L’architecture est le jeu savant, correct e magnifique des volumes assemblés sous la lumière*’”. É trágico ver o esgotado clichê de Le Corbusier, que sufoca a arquitetura enquanto espaço, aplicado por um discípulo para o planejamento e as soluções de projeto que o velho mestre há tempos descartou (Moholy-Nagy, 2012, p. 59).

A primeira repercussão do artigo na imprensa brasileira aparece em uma coluna não assinada no *Correio da Manhã* de 25 nov. 1959, intitulada “Crítica”, na qual o autor anônimo constata que quando se convida críticos para avaliar uma obra, é preciso ouvi-los. Reportando os principais pontos negativos levantados pela historiadora alemã, o autor demonstra certa preocupação com a imagem de Brasília no exterior (Crítica [...], 1960, p. 6).

No entanto, o autor da reportagem comete um engano, confunde Sibyl com um homem, referindo-se a ela como “o articulista” (*ibid.*). Provavelmente, trocou Sibyl por László, seu falecido marido, artista e antigo professor da Bauhaus. Se soubesse se tratar de uma mulher, sua reação teria sido diferente?

É o que podemos inferir quando lemos a réplica de Mário Pedrosa publicada no *Jornal do Brasil* de 13 de janeiro de 1960. Pedrosa sai em defesa do projeto de Brasília rebatendo as críticas de Moholy-Nagy, mas sem antes desmerecer a autora. O texto começa assim: “Dona Sibyl, a viúva de Moholy-Nagy, tornou-se, entre outras coisas, crítica de arquitetura, com a morte do marido, em 1946” (Pedrosa, 1981, p. 388). O crítico brasileiro teceu loas a László Moholy-Nagy, que não tem relação direta com o assunto, e essa convocação do falecido marido parece não ter outra função no texto que não a de diminuir a importância de Sibyl. E ao desfazer o engano do colega, “O diabo é que até o sexo lhe mudaram. Talvez o fato se explique por ela ter chamado a atenção para o problema do isolamento térmico dos edifícios de Brasília” (*ibid.*), Pedrosa sugere que questões técnicas, como o conforto térmico, não deveriam ser assunto de mulher.

Obviamente, podemos discordar de qualquer uma das críticas feitas a Brasília, mas queremos chamar a atenção à diferença de tratamento de acordo com o gênero. Pedrosa, que discordava tanto das teses de Bruno Zevi quanto das críticas de Sibyl Moholy-Nagy, concedeu a Zevi o título de “*enfant terrible*” (Pedrosa, 1981, p. 370, como quem se diverte com as traquinagens de uma criança, enquanto reservou à Sibyl a pecha de “viúva de Moholy-Nagy”, como se esta vivesse às custas da fama do marido (Pedrosa, 1981, p. 388).

Por isso, retornando aos comentários de Pedrosa sobre a intervenção de Perriand, é possível que a coragem que Pedrosa viu nela fosse devida à sua ousadia em fazer-se ouvir em um evento organizado majoritariamente por homens, para discutir uma cidade desenhada e empreendida por homens, apesar do tema ser do interesse de homens e mulheres igualmente. Quanto ao termo “comovente”, pode ser interpretado como uma perspectiva masculina sobre sua fala? Ao deslocar o foco das críticas para o campo dos afetos e da emoção, a expressão sugere que Perriand expressava mais seus sentimentos do que sua razão. É possível que outras participantes também tenham optado por permanecer caladas durante o Congresso e deixar as críticas para publicar nos artigos, como é o caso de Françoise Choay.

10. Conclusão

Vistas as condições de representatividade feminina no debate crítico da época e as possíveis dificuldades de fazerem-se ouvir em um ambiente predominantemente masculino, nos resta avaliar a importância de revisitar esses textos escritos por mulheres.

Os relatos femininos que vimos anteriormente, em geral, têm características que nos chamam a atenção. Os textos que apresentamos nos sugerem que essas mulheres não compraram o projeto da cidade como pacote fechado, não se apressaram em aprová-la ou reprová-la e nem tampouco tentaram se apoiar unicamente na teoria para explicar o que viram e experimentaram com seus próprios corpos.

Françoise Choay desempenhou um papel proeminente na crítica do urbanismo durante o período abordado, bem como nos dias atuais. Em contraste com a condição geral das mulheres na carreira, sua trajetória foi marcada pelo reconhecimento e prestígio, o que lhe permitiu influenciar de maneira



significativa os estudos urbanos. A presença de Choay em revistas renomadas e sua participação em eventos internacionais indicam sua projeção global e sua capacidade de influenciar o debate sobre urbanismo em âmbito internacional. No entanto, é crucial compreender que isso se deve a fatores que facilitaram sua ascensão, incluindo classe social, suas redes de contatos, acesso a recursos e oportunidades disponíveis. Além disso, é relevante questionar em que medida a perspectiva de Choay sobre a cidade poderia refletir sua condição enquanto mulher ou se estaria mais relacionada à sua posição excepcional no campo dos estudos urbanos naquele momento específico, ao abordar leituras consideradas canônicas e desafiar visões hegemônicas do conhecimento científico.

Com isso, podemos aferir que a análise crítica de Françoise Choay sobre Brasília reflete uma abordagem multidimensional e subjetiva à arquitetura e urbanismo. Sua narrativa em primeira pessoa e ênfase nos detalhes evidenciam tanto os aspectos estéticos quanto as implicações culturais e sociais dos projetos. Choay valoriza a expressão artística, mas também critica a falta de atenção ao design de interiores e à integração das artes na arquitetura, apontando para as consequências disso na vida cotidiana das pessoas. A autora reconhece a importância de considerar a escala humana e as necessidades práticas ao projetar espaços urbanos, posicionando-se como uma voz crítica que busca ampliar a compreensão do ser humano na concepção e uso das construções urbanas.

Além de Choay, outras autoras que apresentamos aqui, como Charlotte Perriand, por exemplo, trouxeram à tona questões de gênero e participação feminina na arquitetura, desafiando o cenário predominantemente masculino do Congresso Internacional de Críticos de 1959, ressaltando que o projeto moderno em Brasília não conseguiu romper com estruturas tradicionais e conservadoras nos ambientes domésticos. Moholy-Nagy, por sua vez, destacou aspectos práticos e funcionais da cidade, criticando a falta de consideração pelo conforto térmico e a escala humana. A narrativa de Elizabeth Bishop ilustra essa perspectiva crítica ao trazer atenção aos detalhes práticos e problemas enfrentados pelos habitantes, como a falta de isolamento acústico e térmico no Brasília Palace Hotel.

Os relatos dessas mulheres expõem a complexidade do empreendimento de Brasília, mas em geral são juízos cautelosos. Clarice Lispector, por exemplo, declarou: “Se eu dissesse que Brasília é bonita, veriam imediatamente que gostei da cidade. Mas se digo que Brasília é a imagem da minha insônia, vêm nisso uma acusação; mas a minha insônia não é bonita nem feia – minha insônia sou eu, é vivida, é o meu espanto” (Lispector, 2012, p. 179-180). Charlotte Perriand declarou a Aline Saarinen que era “[...] Brasília, sem restrições” (Itinerário [...], 1959, 2º caderno, p. 2), mas não deixou de fazer sérias restrições às soluções habitacionais que viu. Elizabeth Bishop era cética quanto ao sucesso da cidade, mas não deixou de mencionar as previsões desastrosas de Anthony Trollope a respeito de Washington e concluiu que “[...] nós, norte-americanos, devemos ter muito cuidado ao fazermos previsões a respeito de Brasília” (Bishop, 2014, p. 243).

Da mesma maneira, as críticas de Françoise Choay (1959, 2012) oscilam entre a admiração pela arquitetura espetacular de Niemeyer e o desencanto com o tratamento dos problemas do cotidiano, sobretudo na questão da habitação. Quanto ao juízo sobre o plano em geral, a autora prefere não encerrar o assunto, ao contrário, para ela Brasília oferecia “a melhor oportunidade de meditar sobre o destino da cidade” (Choay, 1959, p. 16, tradução nossa)²⁶.

Acreditamos que essa oportunidade continua aberta, e por isso destacamos neste trabalho a importância de se problematizar a narrativa canônica sobre Brasília, muitas vezes construída à luz de teorias supostamente universalistas. Tal narrativa, como pretendemos mostrar, além de não refletir as múltiplas perspectivas e experiências daqueles que vivenciaram a construção e a ocupação da cidade, pode esconder valores e ideologias dissimuladas em uma pretensa racionalidade científica, como denuncia Choay (1979), e cuja autoridade pode ser questionada a partir de saberes parciais, situados, de acordo com Haraway (2009).

Reconhecer as vozes e perspectivas das mulheres, ainda que no caso desta análise, restrita ao campo cultural, pode contribuir para desconstruir o cânone historiográfico e construir uma narrativa mais rica e plural sobre Brasília, ampliando a visão consolidada sobre a cidade e a sua construção, além de destacar a importância da participação feminina na história da arquitetura e da crítica de arte.

²⁶ Tradução livre de: *Brasília nous offre aujourd'hui la plus belle occasion de méditer sur le destin de la Ville.*



Agradecimentos

À Capes pelo financiamento da pesquisa, ao MAM Rio e ao Arquivo Público do Distrito Federal pela disponibilização de documentos e fotos.

Referências

- ARQUITETOS de 1958. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 28 dez. 1958. 2º caderno, p. 7.
- BARDI, Lina Bo. Em defesa de Brasília. *In*: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília**: antologia crítica. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 135-136.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil**: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BISHOP, Elizabeth. Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios. *In*: BISHOP, Elizabeth. **Prosa**. Tradução e notas: Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 205-243.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUAND, Yves. A experiência de Brasília: tentativa de síntese. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 out. 1962. Suplemento literário, p. 2-3.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. Congresso Internacional de Críticos de Arte 1959: difusão nas revistas internacionais e nacionais especializadas. *In*: SEGRE, Roberto; COSTA, Renato Gama-Rosa; AZEVEDO, Marlice; ANDRADE, Ines El-Jaick (org.). **Arquitetura+Arte+Cidade**: um debate internacional. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. p. 287-304.
- CHOAY, Françoise. Une capitale sort de terre: Brasília. **France Observateur**, Paris, n. 492, p. 15-16, 7 out. 1959.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigo. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CHOAY, Françoise. Brasília: Uma capital pré-fabricada. *In*: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília**: antologia crítica. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 60-66.
- COMAS, Carlos Eduardo. The poetics of development: notes on two Brazilian schools. *In*: BERGDOLL, Berry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio (org.). **Latin America in construction: architecture 1955-1980**. Nova York: MoMA, 2015. p. 40-67.
- CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE, 1959, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro. **Anais do Congresso** [...]. São Paulo: [s.n.], 1959. 168 p.
- COSTA, Ana Alice Alcantara; VIEIRA, Claudia Andrade. Fronteiras de gênero no Urbanismo moderno. **Revista Feminismos**, [S.l.], v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30014>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CRÍTICA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 6, 25 nov. 1959.
- FONTENELE MOURÃO, Tânia Maria. **Memórias femininas da construção de Brasília**: narrativa a partir do filme Poeira e batom – a humanização do monumental (1957/1960). 2022. 234 f., il. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43940>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, [S.l.], n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em 14 ago. 2023.
- HARDING, Sandra. Rethinking standpoint epistemology: what is ‘strong objectivity?’. **The Centennial Review**, v. 36, n. 3, 1992, p. 437-470. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23739232>. Acesso em: 14 ago. 2023.



HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar** [*Bauen, Wohnen, Denken*]. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback da conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt" (1951), publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em: <https://filosofiaepatrimonio.files.wordpress.com/2017/03/martin-heidegger-construir-habitar-pensar.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.

ITINERÁRIO das artes plásticas: opiniões sobre Brasília por membros da Associação de Críticos de Arte, no Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 set. 1959. 2º caderno, p. 2.

JACOBS, Jane. **The death and life of great American cities**. Nova York: Vintage Books, 1961.

LARA, Fernando Luiz. A pureza é um mito: discutindo as raízes racistas do cânone. *In*: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022, p. 87-96.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX**. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

LISPECTOR, Clarice. Nos primeiros começos de Brasília. *In*: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília: antologia crítica**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 179-182.

MOHOLY-NAGY, Sibyl. Brasília - conceito majestoso ou monumento autocrático? *In*: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília: antologia crítica**. Tradução: Iara Biderman. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 58-59.

[MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO]. Relação de delegados, observadores e demais participantes do congresso. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL EXTRAORDINÁRIO DE CRÍTICOS DE ARTE, 1959, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro. **Lista** [...]. Rio de Janeiro: [s.n.], 1959.

PANE, Andrea. Françoise Choay e l'Italia: urbanistica, architettura e restauro da Alberti a Giovannoni. **Conversaciones...**: con Françoise Choay, *Cidade do México*, ano 6, n. 10, p. 291-326, dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/conversaciones/issue/view/2308/2506>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PAQUOT, Thierry; RIBEIRO PEIXOTO, Elane. Françoise Choay (1925). **Paranoá**, [S.l.], v. 16, n. 35, 2023. DOI: 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.08. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/49578>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PERRIAND, Charlotte. **Une vie de création**. Paris: Odile Jacob, 1998.

PEDROSA, Mário. Lições do Congresso Internacional de Críticos. *In*: PEDROSA, Mário. **Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

RUBINO, Silvana. Corpo, imagem, objecto: a cadeira LC9 e Charlotte Perriand. **Joelho: Revista de cultura arquitectónica**, Coimbra, n. 1, Mulheres na arquitectura, p. 22-23, mar. 2010. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/joelho/article/view/_1_3/21. Acesso em: 9 abr. 2024.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Tradução: Christine Rufo Dabat; Maria Betânia Ávila. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

SUMI, Camilla Massola. **A cidade na perspectiva do gênero: as políticas públicas urbanas 1990-2015 em São Paulo/SP**. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1014539>. Acesso em: 9 abr. 2024.

TINEM, Nelci. **Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 06, n. 072.02, **Vitruvius**, São Paulo, maio 2006. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/352>. Acesso em 14 ago. 2023.



WILHEIM, Jorge. Brasília 1960: uma interpretação. **Acrópole**, São Paulo, n. 256, p. 19-50, fev. 1960.

ZEVI, Bruno. Seis perguntas sobre a nova capital sul-americana. *In*: XAVIER, Alberto; KATINSKY, Julio (org.). **Brasília**: antologia crítica. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 66-72.



Thaysa Malaquias

Arquiteta e Urbanista com Mestrado em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ-UFRJ), na área de Pensamento, História e Crítica (2018). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Integrante do grupo de pesquisa LabLugares – PROARQ-UFRJ e cofundadora e membro da ONG e Coletivo Feminista Não Me Kahlo. Com especialização no curso "Cidades, Políticas e Movimentos Sociais", pela ETTERN – IPPUR/UFRJ. Atualmente cursando doutorado em Arquitetura pelo PROARQ-UFRJ (2021).

Contribuição de coautoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Supervisão; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Claudio Comas Brandão

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade de Brasília (UnB) em 1997, realizou seu mestrado e doutorado em Arquitetura pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura (PROARQ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos anos de 2019 e 2023, respectivamente. Além disso, obteve especialização em Desenho Industrial pela Scuola Politecnica di Design, em Milão, Itália, no ano de 1998. É integrante do grupo de pesquisa LabLugares – PROARQ-UFRJ. Destaca-se em sua pesquisa a importância das redes sociotécnicas na produção da arquitetura, com especial ênfase na Arquitetura Moderna brasileira.

Contribuição de coautoria: Concepção; Curadoria de dados; Análise; Coleta de dados; Supervisão; Visualização; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

Agências de fomento a pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil (CAPES).

Como citar: MALAQUIAS, T.; BRANDÃO, C. C. Françoise Choay e a revisão crítica da narrativa canônica de Brasília sob a ótica das mulheres. **Paranoá**, [S.l.], v. 16, n. 35, e47909. DOI 10.18830/1679-09442023v16e47909. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/1679-09442023v16e47909>.

Editores responsáveis: Elane Ribeiro Peixoto, Priscilla Alves Peixoto, Ana Clara Giannecchini.